

Estilo Próprio

por Yuri V. Santos

“Nossa! Eu a-do-rei seu trabalho”, disse o professor de Introdução à Pintura. “Ficou muito bem resolvido. Finalmente, hem?”

“Minha tela é esta aqui, professor”, contestou o aluno. “Essa aí é minha paleta.”

“Ah.”

Já não sabia mais o que fazer. Tudo o que criava, quando premeditado, não era visto com bons olhos.

“Isso aí, o Jasper Johns já fez há uns trinta anos atrás.”

Queria contestar o maldito Sistema. Mas tudo o que fazia era, ainda que por acidente, mero plágio. Era o Sistema.

“Você precisa desenvolver, realizar um trabalho próprio, sacô?”

Não, não tinha sacado. Todos os artistas do seu meio, quando reverentemente aceitos, apresentavam obras que apenas eles próprios compreendiam. Talvez fosse isto o tal Trabalho Próprio. Portanto, resolveu soltar-se mais. De pura sacanagem, inscreveu-se em dois salões de arte: um no Rio, outro em Curitiba. Enviou seus trabalhos mais espontâneos. E ganhou, apesar da crítica não tão favorável, o primeiro prêmio em ambos. Ganhou, também, dois meses de depressão. Por fim, seus quadros, esculturas e instalações, mesmo os que o agradavam, já não significavam nada para ele. Não lhe transmitiam nenhuma sensação, nenhum sentimento, nenhuma mensagem. Até que se sentira bem após realizar cada um daqueles trabalhos. Mas ele não queria fazer terapia ocupacional, queria fazer Arte. Os críticos, quando do anúncio da premiação, afirmaram que ele tinha talento, mas que ainda não possuía uma linguagem própria. “Talvez seja esse o papel da arte, hoje”, pensou. “Mostrar o quanto nossa vida tornou-se vazia, insossa e apenas de cada um de nós próprios.” Então, mesmo sem abandonar o curso de Artes Plásticas na Universidade de Brasília, desistiu da Arte com “A” maiúsculo.

Agora aderira ao sistema. Trabalhava numa agência de publicidade, no Plano Piloto. Estava bem melhor, finalmente ganhava algum dinheiro. Comprou um carro, aprendeu a usar o computador e vários softwares gráficos. Sua vida, porém, continuava vazia, insossa e apenas dele próprio. Pensou em matar-se em nome da Arte – ainda era um artista – mas isto também já haviam feito: Schwarzkogler, um austríaco, em 1969, o fizera propositadamente durante uma performance. Sem contar os inúmeros artistas mortos no embate cotidiano com as circunstâncias. Não havia saída. Nem mesmo num meio recente como o computador.

“O jeito é ir levando”, disse um amigo.

Foi o que fez. Continuou na agência, na faculdade e pintando um quadro ou outro em casa. Apenas para manter a prática. Com o tempo,

essa atividade caseira tornou-se uma obsessão. Até que um dia, desmaiou de exaustão sobre uma de suas telas. Sua cara ficou estampada ali.

“Fantástico!”, afirmaram os críticos. “Ele encontrou um estilo próprio. Sente-se sua marca, sua personalidade em cada uma de suas obras. Um gênio!”

Aquilo o aborreceu. Quando caíra sobre a tela, borrara a idéia inicial. Mas vá lá, precisava de dinheiro. Pelo menos poderia largar o emprego.

Assim, aos domingos, derretia-se de tédio na frente da TV. Deitado sobre uma tela lambrecada de tinta.

“Fantástico!”, diziam os críticos. Ele faturava.

Fazia esculturas com argila. Usava-as, quando ainda úmidas, como travesseiro. Sua casa tornara-se um processo de criação artística. Os críticos aplaudiam. O dinheiro e a fama entravam.

Numa segunda-feira cinzenta, o reitor da UnB mandou chamá-lo. Encomendou uma estátua do piloto Ayrton Senna que seria colocada, no campus, entre as estátuas do John Lennon e do Mickey Mouse. O curador do Museu Guggenheim, de Nova York, estaria presente na inauguração.

“Preciso de algumas semanas”, disse.

“Três.”

“Três?!”

“É, três semanas.”

“O.k. Três.”

Ao fim de dezessete dias, ainda não havia começado. Seria sua grande oportunidade. Era preciso cumprir o trato. Precisava levar seu trabalho a sério. E em poucos dias, com certeza, estaria expondo em Nova York. Talvez fosse esse o caminho para a Arte: ser apreciado num museu da Grande Maçã.

Comprou, pois, tintas, resinas, pigmentos vários, arames, solda, ligas de ferro doce, bacias, uma caixa d’água – onde prepararia a resina. Com arame, ferro doce e a solda montou um esqueleto. Só faltava cobrir com resina e depois pintar. Mas não conseguiu. Estava levando o trabalho a sério demais. Isto o travou. Exasperado, despejou os vidros de resina na caixa d’água, cuspiu lá dentro.

“Bela merda!”, berrou. E saiu batendo a porta.

Quando voltou, às quatro da manhã, estava bêbado. Agora ele ia conseguir. Encheu as bacias com diferentes tintas. Levou o esqueleto de metal até a caixa d’água. Escorregou. Caiu dentro da caixa d’água. Levantou grogue, não entendia o que estava acontecendo. Coberto dos pés à cabeça com resina, tentava sair da caixa. Quando conseguiu, saiu tropeçando e caiu sobre as tintas. Engoliu mais de dois litros de cores variadas. A resina já estava quase seca. Teve tempo apenas de levantar-se e retirar uma bacia de tinta da cabeça. A resina endureceu.

Dois dias depois, foi encontrado assim. Em pé, o braço estendido, com a bacia na mão.

“Genial!”, disseram. “É o Ayrton sem tirar nem pôr.”

“Sem tirar nem pôr o capacete”, acrescentou alguém.

A estátua foi inaugurada com estardalhaço. O reitor estava orgulhoso do seu aluno-artista. Pena o rapaz não estar presente. O reitor discursava quando se ouviu um pum próximo à estátua.

“Você escutou esse barulho?”, perguntou o curador do Guggenheim em inglês.

“Eu não fui!”

“Nem eu”, sussurrou o reitor.

“Hmm... Que cheiro de tinta velha!”

Um mês depois descobriram que aquele outro cheiro ruim – que já não era de tinta – não era caca de pomba. Era da estátua mesmo.

“Que idéia fabulosa!”, disse o curador do Guggenheim pelo telefone. “Uma estátua que morre...”

Foi sepultada, três dias depois, numa sala especial do Guggenheim Museum, em Nova York. Era apreciadíssima pelo público. Só não se entendia por que o genial escultor não fora receber os cem mil dólares que recebera pela obra.

(Extraído de *A Tragicomédia Acadêmica – Contos Imediatos do Terceiro Grau.*)

Sobre o autor:

Yuri V. Santos, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. (“Até hoje ela tem a cicatriz”, ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas incutidos pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos

Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já era de feto - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuices semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu -, tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m), Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Néelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor. "Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Paralíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingo do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena, freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol, residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os

professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

Para contatos: yurivs@uol.com.br

(sites do autor: www.casadosol.cjb.net e www.angelfire.com/ri/melhor)